

A ESCOLA SECULAR DE HOJE

*Neusa Pereira de Souza Manfredinho*¹

RESUMO

A escola frente a constantes mudanças deve-se caracterizar como espaço de construção do conhecimento, transpondo a cópia, a imitação e a mera transmissão de informação. As relações, as partilhas, as trocas e a produção coletiva são pressupostos novos para a realidade escolar. A atuação do professor propõe o tratamento dos alunos como responsável pelo seu processo de aprendizagem. Neste contexto as novas tecnologias ampliam os espaços pelas quais trafegam o conhecimento e mudanças no saber, oferecendo melhores condições para preparar os indivíduos .

Palavras Chave: escola, professor, cidadão, novas tecnologias

ABSTRACT

With the constant changes in the society the school must be a place for knowledge construction, passing beyond the copy, the imitation and the mere transmission of information. Relationships, the sharing, exchanging, and the collective production are new purposes to the school reality. The teacher's performance proposes the student's treatment as responsible for his learning process. In this context, the new technologies increase the spaces where knowledge and its changes are improving conditions to prepare individuals.

Keywords: school, teacher, citizen, new technologies.

¹ Especialista em Administração Escolar, em Metodologia do Ensino Superior e em Avaliação. Mestra em Engenharia da Produção pela UFSC. Professora do Curso de Formação de Professores do CEFET-PR.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, as instituições de ensino serviram de forma mais ou menos eficaz, em determinados períodos, para ensinar o que a sociedade pedia que fosse ensinado, preservando documentos e idéias, para gerar novas formas de pensar e para desafiar condicionamentos sociais e estruturas de valor.

No entanto, ainda se convive, às vésperas do século XXI, com problemas que eram típicos do início do século, ou seja, grande número de analfabetos, alguns escolarizados, e uma educação, inclusive de ensino superior, distanciada das reais necessidades da sociedade. Acredita-se que são os fatores sócio-econômicos a maior causa do fracasso da escola básica e da seletividade da educação superior; transfere-se, assim, para o aluno e sua família ou para a “questão social,” tornando impossível resolver as questões educacionais a curto prazo.

Trata-se, portanto, de conceber a escola, em todos os níveis, não apenas como lugar de passagem obrigatória para reforço da discriminação sócio-econômico-cultural, mas de transformá-la em um lugar de vivências ou prazer, de cultura, de produção e disseminação de ciência, no qual a ética e a justiça sejam o norte maior das ações empreendidas. Principalmente porque a globalização criou uma ficção, segundo a qual todos os cidadãos possuem condições iguais de acesso à informação. O consumo desta submerge a capacidade de análise e de reflexão tanto individual quanto social.

Neste contexto, a escola deve-se preparar para os desafios decorrentes do uso das novas tecnologias da informação e da comunicação, uma aprendizagem ao longo da vida, consiste em aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, e aprender a compreender o outro, extrapolando a mera escolarização e colocando a aprendizagem como uma responsabilidade social.

É este sentido de responsabilidade que poderia fazer parte de um novo tipo de reflexão moral-prática, livre das limitações antropocêntricas, espaciais e temporais da concepção tradicional de ética, um tipo de reflexão que estabelece uma relação toleravelmente coerente com as realidades de um mundo em crescente interconexão, graças ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Ele alimentou o frágil sentido de responsabilidade pela humanidade e pelo mundo coletivamente habitado.

Olhando desta perspectiva, é necessário considerar a nova função da escola no que concerne: à organização institucional, ao desempenho do professor, ao papel do novo cidadão, ao currículo, à sala de aula e às novas tecnologias educacionais.

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

Com a globalização estimulada cada vez mais pelas novas tecnologias, é preciso propor uma nova matriz ao sistema educacional que vai além das quatro paredes da escola e que possa caminhar efetivamente em direção aos interesses e necessidades da comunidade, pois o único requisito para que as pessoas possam se conectar ao mundo em que vivem é que tenham acesso à educação.

É preciso reconhecer a ampliação dos espaços por onde trafega o conhecimento e as mudanças no saber ocasionadas pelos avanços das tecnologias da informação e suas diversas possibilidades de associações o que vem exigindo novas formas de simbolização e de representação do conhecimento.

Segundo Moraes (1998, p. 8):

“ jamais chegaremos à uma sociedade desenvolvida se os códigos instrumentais e as operações em redes se mantiverem nas mãos de poucos iniciados. É uma questão de sobrevivência de nossa sociedade da informação, resolver problemas, tomar iniciativas, se comunicar, usar o computador como prótese da inteligência e prolongamento da mão, como ferramenta de produção de conhecimento, investigação, comunicação, construção, representação, verificação, análise e divulgação do conhecimento”.

Nunca foi tão necessário que a escola vá além dos seus muros e adote procedimentos que viabilizem a democratização do saber, que diante da diversidade opte pela estratégia socialmente mais indicada e pedagogicamente mais difícil, permitir a entrada de pessoas com níveis de formação prévia bastante distintas e conseguir, no final dos cursos, um nível de capacitação semelhante.

Cabe neste contexto uma reflexão de como a escola está processando a ação educativa entendendo-a como espaço privilegiado onde deve ser permitido que os alunos operem semióticas, que construam sentidos para as suas vivências, fornecendo-lhes linguagens para compreender e expressar um fluxo intenso de idéias e emoções. As novas maneiras de relação social e os novos hábitos culturais exigem pedagogias que integrem as estratégias cognitivas e emocionais de pessoas que vivem no mundo da mídia digital, das redes, da realidade virtual, das imagens.

Como admitiu o sociólogo francês M. Crozier,² “não se muda a sociedade por decreto”. Isso significa que o tempo das grandes reformas educacionais está terminando. Como acentua Thélot³, “chegou agora o tempo das inovações locais, das iniciativas fecundas, das idéias que tiveram êxito...A mudanças nos sistemas educacionais vai partir de agora basera-se durante longo tempo no tríptico experimentação – extensão-avaliação: mais do que reforma, fala-se atualmente em renovação”.

O PAPEL DO PROFESSOR

É oportuno mencionar que competência não é executar bem uma tarefa, mas caracteristicamente refazer-se todo dia, para postar-se diante dos tempos.

² apud PAUL, Jean Jacques, 1998, 121.

³ id. ibid

Assim, o grande desafio do professor é garantir o movimento, o fluxo de energia, a riqueza do processo. Isso significa a manutenção do diálogo permanente, de acordo com o que acontece em cada momento, propondo situações-problema, desafios, reflexões, estabelecendo conexões entre o conhecimento adquirido e o pretendido, de tal modo que as intervenções sejam adequadas ao estilo do aluno, às suas condições intelectuais e emocionais, e à situação contextual.

Para Mizukami⁴ “um professor que esteja engajado numa prática transformadora procurará desmistificar e questionar, com o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e a cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto e produza cultura”.

O docente educador, líder, articulador e comunicador e, por ter mais experiência acerca das realidades sociais, assume o papel de mediador entre o saber elaborado e o saber produzido.

O educador no paradigma progressista respeita os alunos, principalmente a sua cultura, e acredita que são capazes de construir suas próprias histórias, a fazer escolhas e construir caminhos reflexivos, críticos e criativos.

O papel do professor já não é mais o de transmissor de conhecimentos, porque muitas vezes os recursos tecnológicos dispõem de mais informação que o professor e, às vezes, inclusive, pode transmiti-lo melhor.

A era digital é a da possibilidade de superar a fragilidade da instituição escolar por meio da revitalização do professor, que tem uma missão especial de complementar a formação de seu aluno para um mundo adulto pensante, livre, ético e criativo.

Para atender aos desafios da modernidade, é preciso que o trabalho docente seja colaborativo, proporcionando a cooperação entre os saberes, as artes e as técnicas, por um lado, e a tecnologia da informação, por outro, representando o novo potencial da educação. Embora o maior objetivo da aprendizagem cooperativa seja a construção de um entendimento compartilhado, através da interação com outros indivíduos, um objetivo implícito é improvisar a comunicação, ouvir informações e obter participação.

Assim, os professores habilitam-se a trabalhar como comunicadores, lançando mão de recursos tecnológicos que propiciem meios e linguagens adequados aos alunos, para que os mesmos se preparem para o exercício da cidadania, por meio do diálogo social.

O PAPEL DO NOVO CIDADÃO

A cidadania, agora, é conquistada no exercício da dialética social, definida pelos novos meios e linguagens.

⁴ MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti, 1986.

Os conflitos entre os paradigmas da educação frente aos novos tempos estão a exigir uma concepção de educação que possa efetivamente acompanhar o ritmo intenso das mudanças tecnológicas e à emergência de um novo paradigma organizacional, voltado para a inovação e a difusão tecnológica.

Os novos paradigmas para a educação consideram que os alunos devem ser preparados para conviver numa sociedade em constantes mudanças, assim como devem ser os construtores do seu próprio conhecimento e, portanto, sujeitos ativos do processo no qual a instituição e a descoberta são elementos privilegiados dessa construção. Esta nova forma de educar implica em aprender a aprender que traduz a capacidade de refletir, de analisar e de tomar consciência do que sabe, dispor-se a mudar os próprios conceitos, buscar novas informações, substituir velhas “verdades” por teorias transitórias, adquirir novos conhecimentos resultantes da rápida evolução da ciência e da tecnologia e de suas influências sobre o desenvolvimento da humanidade.

Como menciona Beekmann⁵, “maioria dos empregos que existirão nos próximos dez anos, ainda não existe hoje, o que não mais permite que os indivíduos possam ser formados e treinados apenas uma vez durante toda a sua vida profissional”.

O conhecimento especializado está tendo uma duração média de vida cada vez menor e será substituído ou complementado por outro, exigindo novos e constantes aperfeiçoamentos, impondo novas qualificações em função de novas necessidades.

Na verdade, estamos vivendo num mundo globalizado, funcionando 24 horas, exigindo um cidadão que saiba se comunicar nos mais diferentes níveis, dialogar num mundo interativo e interdependente, impregnados de instrumentos de sua cultura, utilizando-os para a sua emancipação, transformação, libertação e transcendência.

É preciso preparar o indivíduo para viver e conviver na Era das Relações, caracterizada pela grande teia de relações e conexões decorrentes da nova cosmologia que explica a totalidade indivisível, implica sobretudo ser capaz de viver numa sociedade pluralista.

O CURRÍCULO

Um mundo em que as dimensões financeiras, culturais, políticas, ambientais, científicas, etc, são interdependentes, em que nenhum de tais aspectos pode ser compreendido de maneira adequada à margem dos demais, não pode mais conviver com currículos fragmentados e, principalmente, com pacotes fechados, pois a dinâmica imposta pelo desenvolvimento tecnológico exige um currículo flexível que se adapte com o meio ambiente, com a cultura e o contexto.

A ênfase deve estar na aprendizagem, na apropriação ativa da informação

⁵ Apud MORAES, Maria Cândida, 1998, p.3

pelo indivíduo, e não mais na transmissão e nos processos de memorização.

A produção do conhecimento representa o grande desafio para a modernidade educativa, sendo urgente ultrapassar a reprodução, a repetição e a cópia nos meios acadêmicos, Demo (1997, p. 25) também contribui significativamente quando propõe:

“O que marcaria a modernidade educativa seria a didática do aprender a aprender, ou do saber pensar, englobando, num todo só, a necessidade de apropriação do conhecimento disponível e seu manejo criativo. A primeira necessidade é de ordem dos insumos, instrumentais, enquanto a segunda perfaz mais apropriadamente o desafio humano da qualidade. A competência que a escola deve consolidar é sempre e renovar é aquela fundada na propriedade do conhecimento como instrumento mais eficaz da emancipação das pessoas e da sociedade... Torna-se essencial construir atitude positiva construtiva, crítica, típica do aprender a aprender”

A educação tecnológica que se propõe a privilegiar as vertentes do trabalho, do conhecimento universalizado e da inovação tecnológica se constitui no fundamento para responder aos anseios da sociedade e dos indivíduos.

A concepção que fundamenta a educação tecnológica segundo Bastos (1998, p. 34):

“não é adjetiva, pura e simplesmente, da tecnologia, como se ela estivesse incompleta e necessitando de técnicas para se tornar prática. É uma educação substantiva, sem apêndices e nem adendos. Existe por si só, não para dividir o Homem pelo trabalho e pelas aplicações da técnicas. É substantiva porque é um todo: educação como parceira tecnológica e esta como companheira da educação - ambas unidas e convencionadas a construir o destino histórico do homem sem dominação e sem escravidão aos meios técnicos.

Dessa forma, a educação tecnológica num sentido mais amplo transcende aos conceitos fragmentados e pontuais da aprendizagem, integrando o saber e o fazer, enquanto objetos permanentes da ação e da reflexão crítica sobre a ação”.

São portanto produto inacabado, ação para ser reconduzida, método a ser alterado os quais abrem novas perspectivas para o mundo tecnológico, mundo esse que não é uniforme, pronto e acabado.

Uma nova característica para a educação é saber trabalhar com o provisório, que pode ser facilmente conjugado com a educação permanente, no sentido do aprender a aprender. “Na verdade, deixamos de perceber que, sendo o conhecimento a fonte crucial da inovação moderna, é ele também que a tudo tão depressa envelhece” (Demo, 1997, p. 31).

Um ambiente de aprendizagem requer uma nova ecologia cognitiva⁶ que nos indica a existência de relações, interações, diálogos entre diferentes organismos, viventes ou não, indicando-nos que tudo o que existe, coexiste, e que nada existe fora de suas conexões, de suas relações. Ela nos traz a idéia de um dinamismo intrínseco existente entre os seres e as coisas, envolvendo, não apenas a natureza, mas a cultura e a sociedade. Portanto, uma nova ecologia cognitiva indica uma nova relação com a cognição, com as capacidades de adaptação e de equilíbrio dinâmico nos processos de construção do saber, um “interjogo” entre sujeito e objeto, a adoção de um enfoque mostrando a interatividade existente entre as coisas do cérebro e os instrumentos oferecidos pela cultura.

NOVAS TECNOLOGIAS E A EDUCAÇÃO

Estamos vivendo o que alguns chamam de Terceira Revolução Industrial, Revolução da Informática ou Revolução da Automação. Parece, pois, que se está atingindo o limiar da consumação do processo de constituição da escola como forma principal, dominante e generalizada de educação.

Os modernos meios de comunicação e processamento de informação produzem um grande impacto na sociedade, especialmente nas práticas educativas.

A escola deve representar seu papel frente às novas possibilidades que hoje compõem o mundo do conhecimento e da cultura.

As novas formas de relação social e os novos hábitos culturais exigem pedagogias que se integrem às estratégias cognitivas e emocionais de crianças e jovens geradas no mundo da mídia digital.

Sem uma perspectiva comunicacional e dialógica, isto é, sem a dimensão humana, filosófica e ética a atual invasão de tecnologias nas escolas ficará limitada a um neotecnicismo mais interessante às forças do mercado do que propriamente às pessoas e às suas comunidades.

Em outras palavras, computadores, “internet”, vídeos, tecnologias em geral não passarão de novas e coloridas formas de fazer as mesmas coisas que são feitas nas escolas há centenas ou mesmo milhares de anos.

Por sua natureza histórica, as escolas fundamentam-se em relações baseadas na oralidade, na leitura e na escrita (Lévy, 1993). Pelo seu espírito conservador, elas buscam meios de as preservar, acabando por se debater, sem rumo, diante de uma realidade na qual as tecnologias mudaram para sempre as relações das pessoas.

A escola é, sem dúvida, o melhor lugar do mundo para manter o que há de melhor em nossa cultura oral-escrita, mas essa sua função tradicional não pode exilar das práticas educativas as novas leituras que tecem os sentidos de nossa experiência cotidiana.

⁶ O conceito de ecologia foi apresentado por Pierre Levy (1993), para quem a inteligência ou cognição, seja ela individual ou social, resulta de redes complexas de interações entre atores humanos, biológicos e técnicos

Os fios da teia global são as redes de computadores, as máquinas de fax, os satélites, interligando pessoas, empresas, países, centros decisórios por todo o mundo, e que constituem a razão de ser do desenvolvimento. Há uma ordem global moldada pelas telecomunicações e que vem mudando fundamentalmente o modo como as pessoas se relacionam. São as redes que emergem de baixo para cima e que, em princípio, deveria fortalecer o indivíduo, dando-lhe poder e liberdade.

Não apenas a escrita, a leitura e a visão estão sendo cada vez mais capturadas pelos avanços das tecnologias de informação, mas também as capacidades de criação, de imaginação e de aprendizagem.

Nesse contexto, é preciso considerar que a sala de aula não pode mais ser espaço dedicado a transmissão de informação, mas, sobretudo, é preciso olhá-la como meio de comunicação de relações e contradições, possibilitando a educação global, em que a aprendizagem decorre de ações integradas envolvendo: o ambiente, a energia, o racismo, os conflitos lingüísticos, os direitos humanos, a alimentação, o desenvolvimento, a população... mas, analisando tais conteúdos com visão internacionalista, vendo um mundo integrado por partes que interagem constantemente, como sistemas interdependentes.

Reconhecer a ampliação dos espaços onde trafega o conhecimento e as mudanças no saber, ocasionadas pelos avanços das tecnologias, nos leva a reforçar a importância das instrumentações eletrônicas e o uso de redes telemáticas na educação, dos ambientes de aprendizagem informatizados.

Assim, é necessário desenvolver e utilizar recursos tecnológicos que efetivamente sejam facilitadores para os indivíduos com diferentes perfis intelectuais, conforme propõe Howard Gardner (1995, p. 21), sete tipos diferentes de inteligências, afirmando que conhecemos através de um sistema de inteligências interconectadas e, em parte, interdependentes, localizadas em regiões diferentes para cada indivíduo e para cada cultura.

Ele classifica as inteligências em: lingüístico-verbal, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésico-corporal, intrapessoal, interpessoal e a mais recente que é a naturalista.

Partindo da idéia de que o computador exerce uma influência de ordem cognitiva no indivíduo, nomeadamente através das características da interface construída, do software e das ferramentas, importa refletir sobre a natureza desses efeitos nos indivíduos e nas suas atividades de aprendizagem.

A utilização de novas tecnologias afeta todos os campos educacionais. A cultura da informática educacional faz com que haja uma sensível mudança na ação pedagógica.

O desenvolvimento de uma cultura informatizada está subjacente na necessidade de reestruturação de gestão da educação, na reformulação dos programas pedagógicos, na flexibilização das estruturas de ensino, na interdisciplinaridade dos conteúdos, no relacionamento das instituições com outras esferas sociais e com a comunidade como um todo.

Neste contexto, os softwares têm um papel essencial, pois serve como um facilitador da aprendizagem na medida que proporciona:

- *ao aluno, a possibilidade de escolhas de diferentes objetos de estudo, de acordo com as suas necessidades, interesses e possibilidades;*
- *liberdade para entrar e sair do sistema educativo quando quiser, sem precisar se adequar a rigidez de horários e espaços;*
- *a valorização do sensorial, como elemento indispensável nos caminhos para o conhecimento, que são vários e complementares e com pesos diferentes para cada pessoa;*
- *incentivo à pesquisa, ao desenvolvimento da criatividade e à capacidade de selecionar e interpretar informações.*

Para a prática pedagógica, o software representa um avanço na estrutura da aprendizagem, pois oferece ao docente uma espécie de oficina de criação, podendo flexibilizar aos seus alunos diferentes formas na abordagem de um mesmo assunto, rompendo a rotina que ainda permanece no desenvolvimento dos conteúdos.

O professor, com os softwares, é estimulado a planejar suas aulas com maior criatividade, colaborando efetivamente no desenvolvimento das diversas competências junto aos alunos. Outro aspecto relevante nos conteúdos desenvolvidos por meio do software, é a grande possibilidade que dará aos alunos com dificuldades oportunidade de se recuperar com materiais auto-instrucionais.

A base da informática pedagógica é a ferramenta, pois, com ela, alunos e professores podem criar seus próprios conteúdos, não precisando mais se adaptar aos currículos fechados. Com isso, eles passam de espectadores a criadores, que se torna bem mais interessante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rever o papel da escola implica analisar o espaço da sala de aula em uma cultura do saber, com o propósito do saber ser e com isso preparar cidadãos, para um futuro, que começa aqui e agora, de aprendizado contínuo.

O professor deve viabilizar experiências que permitam aos alunos acessarem o seu site interior e, através dessa viagem de construção, desenvolver uma liberdade de pensar seus sentimentos e seu discernimento para poderem enfrentar as diversas experiências sociais, preparar-se para gerir conflitos e realizar seus projetos de vida individuais e no coletivo.

O aluno deve ser mobilizado para interpretar o mundo em que vive de maneira que possa intervir nas caminhadas da história, fazendo, inclusive, a própria história.

O currículo e as novas tecnologias devem estar voltados para o desenvolvimento humano que deverá estar fundamentado não só de conhecimento técnico, mas, sobretudo, na formação de novos valores, de novas éticas e de responsabilidade individual e coletiva.

A globalização que caracteriza o final do milênio deixa para o próximo indicadores de que sem cooperação, respeito mútuo e, principalmente, sem educação dificilmente se poderá fundamentar os direitos humanos e a democracia, quesitos indispensáveis para o desenvolvimento sustentável e da paz.

BIBLIOGRAFIA

- BASTOS, João Augusto S. L. A. (Org.) **Tecnologia & Interação**, Curitiba: CEFET-PR, Série (Coletânea “Educação & Tecnologia”), 1998.
- _____. **Cursos Superiores de Tecnologia**, Brasília: SENET, 1991.
- DEMO, Pedro. **Conhecimento Moderno: Sobre Ética e Intervenção do Conhecimento**, Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. **Desafios Modernos na Educação**, Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. **Educação e Qualidade**, Campinas: Papirus, 1994.
- _____. **Educar pela Pesquisa**, Campinas: Autores Associados, 1997.
- FERRÉS, Joan. **PÁTIO**, ano 3, n.º 9, maio/julho. 1999. Entrevista.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- HILST, Vera Lúcia Scortecci. **A Tecnologia Necessária**, Piracicaba: Unimep, 1994.
- LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**, Rio de Janeiro: 34, 1993.
- MIZUKAMI, MARIA da Graça Nicoletti. **Ensino: As Abordagens do Processo**, São Paulo: EPU, 1986.
- MORAES, Maria Candida. **Novas Tendências Para o Uso das Tecnologias da Informação na Educação**, Brasília: 1998, <http://www.edutecnet.com.br/edmcan.2>.
- MORAN, José Manoel. **A Escola do Amanhã: Desafio do Presente**, Tecnologia Educacional, v.22, pp. 113 e 114, jul./out. 1993.
- MORGADO, Lina. **O Lugar do Hipertexto na Aprendizagem: Alguns Princípios Para sua Concepção**. <http://www.moderna.com.br/escola/prof/art.22.htm>.
- PAUL, Jean Jacques. **Da Avaliação à Formulação de Políticas em Educação**, A Avaliação e a Formulação de Políticas Públicas em Educação, Brasília, UNB, v.7, pp. 103-124.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinariedade – O Currículo Integrado**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.